



Editorial – Volume 6, Número 2, 2017

A PESQUISA É MAIS IMPORTANTE DO QUE O ARTIGO

O pesquisador acadêmico brasileiro enfrenta uma rotina repleta de desafios como, por exemplo, manter o controle do *pipeline* de artigos, participar das reuniões de projetos, ministrar aulas, controlar os prazos das conferências, cobrar pendências dos colegas, revisar artigos para revistas, preparar editais de bolsa, orientar alunos, dentre outras atividades. Em meio a tantas responsabilidades, raramente há tempo para refletir sobre o propósito do que se faz e do importante papel enquanto pesquisador acadêmico.

Conscientes deste cenário, alguns autores vêm trazendo uma visão crítica sobre o impacto negativo do que hoje é conhecido por “Produtivismo Acadêmico”. Isto diz respeito à qualidade das publicações e à vida institucional acadêmica, sobretudo à luz das mudanças instituídas pela Capes nos critérios de avaliação dos programas de Pós-Graduação no país (Bianchetti, & Valle, 2014). As pressões crescentes pela produção científica na forma de artigos publicados vêm minando a essência da pesquisa científica em todos os campos do conhecimento. O ritmo de trabalho dos pesquisadores aumentou consideravelmente, tanto quanto sua necessidade de lidar com várias atribuições simultâneas, e de se organizar para manter suas pendências e obrigações em dia. Tudo isso dentro de prazos cada vez mais apertados (Machado, & Bianchetti, 2011).

Esta mudança não é recente e nem exclusiva do ambiente brasileiro. O fenômeno da produtividade acadêmica é observado no mundo inteiro, sendo interpretado pelos recursos financeiros que são liberados de acordo com a capacidade produtiva do pesquisador, pelo reconhecimento por pares em função dos artigos publicados ou pelos critérios de progressão na carreira (Rawat, & Mena, 2014), tornando cada vez mais relevante a expressão “*Publish or Perish*” (publique ou pereça) cunhada por Coolidge (1932).

Desta forma, percebe-se que o sistema acadêmico está questionando o modelo que recompensa mais a publicação do que a contribuição efetiva do conhecimento (Adler, & Harzing, 2009), um modelo que leva pesquisadores a tirarem o máximo de artigos da mesma pesquisa, a “pesquisa salame” (Reinach, 2013), ou artigos que são escritos em um dia, coletando uma ou outra referência, chegando nos limites da autocitação ou autoplágio, baseados em amostras pouco confiáveis (Castiel, & Sanz-Valero, 2007).

Há 18 anos, Bertero, Caldas e Wood (1999) já alertaram para este efeito perverso em estudos da Administração de Empresas, mas a situação só vem piorando. Desde então, observa-se um número crescente de artigos de baixa qualidade, agravado pela disseminação



de periódicos científicos no mundo inteiro, todos ávidos por artigos para ganhar um lugar ao sol, levando a valorizar a quantidade em detrimento da qualidade. Starbuck (2005) ressalta que nem os periódicos mais bem ranqueados escapam desta armadilha.

Muitos pesquisadores estão totalmente envolvidos nesta roda-viva da produtividade, correndo altos riscos de se desligarem do propósito da pesquisa científica. Luz (2005) alerta para o dano que a pressão pela produtividade vem causando à essência da inovação e criatividade que regem a motivação do pesquisador e sua curiosidade natural que incentiva à busca por respostas de questões que levam ao progresso científico. A produtividade vem matando a liberdade do pesquisador tão necessária no processo de geração do conhecimento, transformando-o em uma mera “máquina de publicação”, favorecendo a quantidade, abrindo mão da qualidade, pouco importando se sua pesquisa é uma contribuição efetiva ao conhecimento ou se ela será referenciada por pares (Cyranoski et al., 2011).

A comissão de área vem dando indícios que não concorda com o produtivismo e não valoriza o excesso de publicações. Ações práticas sinalizam mudanças neste sentido, como a utilização de artigos dos estratos superiores (A1-A2-B1) como um dos itens mais importantes na avaliação ou o estabelecimento da média de 200 pontos para considerar um programa muito bom. Mais mudanças para equilibrar a relação entre qualidade e quantidade da produção científica estão sendo planejadas.

Mesmo assim, não se pode depender destas ações institucionais em andamento. Um contrapeso que equilibra a equação que rege a relação entre a pressão institucional e a essência da pesquisa científica reside na busca e recuperação da identidade do pesquisador. Esta busca deve ocorrer de tempos em tempos por meio de reflexões pessoais que podem ser debatidas como: Porque escolhi a pesquisa acadêmica como carreira? O que me levou a dedicar-me a esta carreira? Quais eram minhas motivações originais? Quando troquei as conversas sobre meus estudos pelas reclamações dos critérios rígidos das revistas? Será que a minha curiosidade natural é mais importante do que saber se sou elegível para o novo edital dos órgãos que regem a educação brasileira?

Sempre recomendo aos meus alunos a leitura de um clássico do conhecimento científico “Para Compreender a Ciência: Uma perspectiva histórica” que resume as origens do pensamento científico e que nos ajuda a resgatar nossas motivações como pesquisadores (Andery, & Micheletto, 2007). Aristóteles, por exemplo, conceitua o conhecimento científico como o conjunto de definições que ajuda a explicar as causas das coisas como verdades imutáveis, a partir do estudo de fenômenos que demonstram a essência das coisas. Galileu contribuiu com a aplicação dos experimentos e da observação sistemática para compreender os fenômenos e daí a formulação das teorias. Descartes defendeu o uso de técnicas e métodos estruturados para se chegar à razão e Bacon fala sobre a importância do



conhecimento científico gerado para estar fundamentado em fatos e ser colocado a serviço do homem.

Refletindo nesses quatro pensadores, volte novamente para o artigo que você está preparando para submeter a um periódico e responda quatro perguntas: 1) As pessoas que irão ler este artigo encontrarão uma explicação para a causa de um fenômeno? 2) As observações empíricas comprovam a explicação? 3) Os métodos escolhidos para esta comprovação são críveis e válidos? 4) A contribuição enriquecerá o cabedal de conhecimento que favorece o desenvolvimento do homem e da sociedade?

Os editores de boas revistas sempre procuram este tipo de reflexão nas palavras dos autores nos artigos que recebem. Em empreendedorismo e pequenas empresas, para ficarmos só na nossa área, um artigo que valida o construto teórico de propensão a empreender pode ser mais relevante do que mais um estudo de perfil empreendedor em pequenos empresários de uma cidade do interior. Uma meta-análise de estudos sobre Orientação Empreendedora traz mais contribuições do que mais um estudo sobre a intenção empreendedora dos alunos de uma Faculdade. Bons olhos sabem identificar a motivação do pesquisador no artigo submetido e as respostas adequadas a estas e outras perguntas. Quando procuramos as respostas para estas perguntas damos conta de uma verdade incontestável: A pesquisa é mais importante do que o artigo.

A pressão pela produtividade acaba por levar os pesquisadores a esquecerem por que são pesquisadores, qual a natureza essencial da pesquisa: a descoberta, o conhecimento e a causa dos fenômenos. Valorizar a publicação em detrimento da pesquisa é confundir os fins com os meios. O artigo é apenas a última etapa da pesquisa, o canal que torna público o seu estudo, mantendo a essência do conhecimento científico que é a construção coletiva do saber. Através da publicação do nosso artigo, outros pesquisadores tomam conhecimento de nossas descobertas. Portanto o artigo é a peça final que coroa todo o esforço por trás de um estudo de grande relevância e significado. Se ninguém sabe o que descobrimos, para que valeu a pesquisa?

Mas não podemos esquecer o que o artigo publicado representa. A publicação não é o caminho para se ganhar pontos, bônus, reputação ou bolsas. Publicamos porque queremos que nossos estudos tragam benefícios a toda a comunidade relacionada com o ecossistema empreendedor e também porque queremos que outros pesquisadores deem continuidade aos nossos estudos. Nós somos pesquisadores e não publicadores de artigos.

Não podemos perder a essência do nosso trabalho como pesquisadores, e sim contribuir para a construção do conhecimento em nossas áreas. Quando aprendermos a pensar deste jeito, perceberemos que é mais importante ter um bom artigo nível B1 do que 5 artigos medianos de nível B5. Quando incorporamos nosso papel no mundo científico, entendemos que atuamos como revisores de revistas e congressos para contribuir com pares



nesta construção coletiva do conhecimento e não porque os órgãos reguladores atribuem pontos. Quando entendemos o porquê de fazermos o que fazemos, passamos a fazer escolhas melhores, como ir a uma conferência pelo seu potencial de fazer bons contatos e fazer interações significativas dentro do nosso meio e não por causa da atratividade do destino turístico.

Atenuemos a pressão que sofremos pela produtividade, pois temos uma missão nobre, uma missão inspiradora. Não compreender isso torna nossa vocação para a pesquisa vazia e fútil, levando a uma sensação de impotência e nula de significado. Por tais razões, da próxima vez que for comemorar um artigo seu aceito por uma revista de ponta como a REGEPE, não o faça por causa dos pontos para seu programa ou pelo bônus que você pode receber, faça-o porquê sabe que seu estudo será compartilhado com muitos outros pesquisadores que poderão continuar o seu trabalho ou com empreendedores que poderão evitar um erro na gestão ou na implantação de seu negócio.

REFERÊNCIAS

Adler, N. J., & Harzing, A.-W. (2009). When knowledge wins: transcending the sense and nonsense of academic rankings. *Academy of Management Learning Education*, 8(1), 72-95.

Andery, M. A., & Micheletto, N. (2007). *Para compreender a ciência*. Editora Garamond.

Bertero, Carlos Osmar, Caldas, Miguel Pinto, & Wood Jr., Thomaz. (1999). Produção científica em administração de empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local. *Revista de Administração Contemporânea*, 3(1), 147-178.

Bianchetti, Lucídio; Ribeiro Valle, Ione; (2014). Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Enero-Marzo, 89-109.

Castiel, L. D., Sanz-Valero, J., & Mel-Cyted, R. (2007). Entre fetichismo e sobrevivência: o artigo científico é uma mercadoria acadêmica? *Cad. Saúde Pública*, 23(12), 3041-3050.

Coolidge H. J. (1932). *United States: Books for Libraries*. Archibald Cary Coolidge: Life and Letters; p. 308.



Cyranoski, D., Gilbert, N., Ledford, H., Nayar, A., & Yahia, M. (2011). The PhD factory. *Nature*, 472(7343), 276-279.

Luz, M. T. (2005). Prometeu acorrentado: análise sociológica da categoria produtividade e as condições atuais da vida acadêmica. *Physis-Revista de Saúde Coletiva*, 15(1).

Machado, A. M. N., & Bianchetti, L. (2011). (Des)Fetichização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador. *Revista de Administração de Empresas* 51(3), 244-254.

Rawat, S., & Meena, S. (2014). Publish or perish: Where are we heading? *Journal of Research in Medical Sciences: The Official Journal of Isfahan University of Medical Sciences*, 19(2), 87-89.

Reinach, F. (2013). Darwin e a prática da "Salami Science". *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, 12(4), 402-403.

Starbuck, W. H. (2005). How much better are the most-prestigious journals? The statistics of academic publication. *Organization Science*, 16(2), 180-200.

Boa Leitura!!

Marcos Hashimoto

Editor Adjunto da REGEPE